No Chade, "todos, muçulmanos e cristãos, rezam muito"

Mons. Rubén Darío Ruiz é argentino, sacerdote diocesano e membro da diplomacia do Vaticano. Enviado pela Santa Sé, vive actualmente na República do Chade, no centro do continente africano. Contanos, na primeira pessoa, as suas experiências.

Há uns meses que tenho a alegria de me encontrar na República do Chade. É a primeira vez que um diplomata do Vaticano aqui reside, pelo que me encontro na longa fase de instalação.

A residência por agora é precária. O pessoal e os meios de que se dispõe são escassos. Mas, como bem sabemos, a nossa força não está nos meios, mas em Deus. Sabemos que se requer paciência, sobretudo até se poder contar com as condições necessárias, mas para isso me enviaram: para começar.

Vivo na cidade de N'Djaména, que em árabe do Chade significa: «lugar de descanso». É a capital do Chade e situa-se no Sahel, a faixa de territórios que compõem a área de transição entre o deserto do Sahara e a savana africana.

Esta posição geográfica permite contemplar durante a estação seca o espetáculo da transumância; a passagem a pé pela cidade que, debaixo de um sol abrasador e com temperaturas de mais de quarenta graus, realizam as tribos nómadas do norte rumo ao sul, com milhares de camelos, bois e cabras.

Um país de realidades contrastantes

O país é extremamente interessante e de realidades contrastantes; temos areia em abundância e ao mesmo tempo áreas verdes fantásticas; pobreza e petróleo; muçulmanos, cristãos e animistas; tribunais tradicionais (forma de administração da justiça anterior à colonização) e tribunais de tipo ocidental; sultãos e chefes de tribos; dois idiomas oficiais e mais de 100 línguas locais; um passado (inclusive muito recente) cheio de guerras fratricidas e um presente bastante calmo; escolas católicas, corânicas e do Estado juntamente com antigos ritos de

iniciação; folclore, etnias e culturas muito distintas distribuídas numa população de apenas 11.275.000 de pessoas.

Há umas semanas assisti a uma conferência-debate num centro católico de diálogo inter-religioso. O curioso era que, na realidade, 95% dos assistentes eram muçulmanos. Todos se mostravam muito interessados no tema tratado e participavam com as suas perguntas e comentários.

O que chamou a minha atenção foi que, à hora do pôr-do-sol, se interrompeu a conferência e todos se levantaram para rezar as orações indicadas pelo Islão. A interrupção fez-se com muitíssima espontaneidade e ao terminar os ritos obrigatórios reiniciaram-se as atividades com a mesma naturalidade com que se tinham interrompido.

Como não podia ficar sozinho na sala – qual pagão que não sabe orar – fui pela minha parte rezar o terço e regressei quando a maioria o fez. Pensei, então, um tanto surpreendido: «Vê-se que têm um "plano de vida" e o cumprem com absoluta naturalidade» e recordei-me das palavras claras de São Josemaria: « Cumprirás este plano [de vida interior], filho, se não deixas por nada!, os teus tempos de oração » (Forja 737).

Uma ajuda aberta a todas as pessoas

As manhãs são muito longas e produtivas. Recebo diariamente a inesperada ajuda gratuita do *muezzin* da mesquita vizinha, que, às 4h45 entoa no minarete a primeira *adhan* (chamada para oração). Este "despertador" serve-me também para rezar pela conversão do *muezzin* madrugador.

Já começaram as minhas viagens ao interior do país percorrendo as dioceses e as suas paróquias, encontrando-me com os Bispos, os missionários, o clero e os fiéis leigos. A Igreja Católica aqui é muito jovem, tem pouco mais de 70 anos, não pára de crescer e tem vários milhares de catecúmenos.

De acordo com o último índice de desenvolvimento publicado pelas Nações Unidas, o Chade ocupa o 163º lugar entre os 169 países que compõem a lista; e ao mesmo tempo – por causa da especulação originada pelo petróleo – a sua capital é – como o indicam alguns estudos – uma das cidades mais caras do mundo.

Por estas razões, a Igreja, com os poucos meios de que dispõe, dá uma importante ajuda à população graças aos seus centros de alfabetização, escolas, dispensários e hospitais. Para mim foi uma experiência totalmente nova visitar e dirigir umas palavras aos alunos de algumas escolas católicas, nas quais 90% dos estudantes são muçulmanos.

Esta abertura das acções sociais da Igreja constitui no país uma das suas grandes diferenças relativamente às instituições assistenciais organizadas pelas outras confissões religiosas.

A diversidade linguística nalgumas zonas complica bastante a tarefa de evangelização. Conheci paróquias em que há sete línguas extremamente diferentes. Isto torna a tarefa pastoral muito complexa mesmo para os sacerdotes locais. Quando visito alguma destas paróquias tento ser breve e claro, pois quando começam as traduções em cada língua nunca mais se termina... e além disso, nem sempre se está seguro de que os "tradutores" que se encontram nas pequenas

aldeias tenham entendido bem o que se disse.

Costumes locais

Quando se chega a um lugar, na maioria dos casos depois de centenas de quilómetros de carro, o costume local impõe um ritual simples, que consiste em permanecer sentado (apesar de que o que na realidade se deseja não é outra coisa senão estar um pouco de pé) e beber, ao menos um copo de água.

Cumpridos estes passos, que incluem saudações especiais para as pessoas mais importantes, o diálogo tem lugar com grande espontaneidade. A refeição tem os seus ritos que variam de região para região. Alguns costumes foram para mim uma novidade, por exemplo, o chefe da casa não prova nada até que todos os seus hóspedes tenham acabado de comer o último prato. Em geral, os alimentos comem-se com a mão e a

partir de um só grande prato, do qual se servem todos os comensais e os homens comem num lugar diferente do das mulheres. Naquelas famílias em que há um só homem, este não come juntamente com a sua esposa, mas convida um amigo ou vizinho ou vai à casa destes para não comer sozinho.

A vida de família decorre ao ar livre. Sobretudo no campo, onde se encontram muito poucas casas; no norte são tendas e no sul cabanas. Em ambos os casos, trata-se de uma só divisão, muito pequena e sem janelas. Na realidade, quer as tendas quer as cabanas não estão concebidas para serem habitadas, mas unicamente para dormir e guardar os poucos pertences.

Uma profunda sede de Deus

É verdade que tratando-se de uma evangelização muito recente, permanecem ainda na população muitos elementos de superstição, mas é também verdade – e quanto me alegrou notá-lo – que há uma profunda sede de Deus. Aqui todos, muçulmanos e cristãos, rezam muito; e todos querem conhecer mais a Deus e aprender.

Em cada um dos países para onde fui, até agora, enviado (Congo, Gabão, Eslovénia, Macedónia, Suíça, Liechtenstein, Cuba e Chade) quanto me continua a ajudar a entender as culturas e a viver intensamente o meu ministério no meio de pessoas tão diferentes aquilo que nos ensinou São Josemaria: «O mundo espera-nos. Sim! Amamos apaixonadamente este mundo, porque Deus assim no-lo ensinou: "sic Deus dilexit mundum...", Deus amou assim o mundo; e porque é o lugar do nosso campo de batalha - uma formosíssima guerra de caridade – para que todos alcancemos a paz que Cristo veio instaurar» (Sulco 290).

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de https:// opusdei.org/pt-pt/article/no-chadetodos-muculmanos-e-cristaos-rezammuito/ (24/10/2025)